



NOVOS ESPAÇOS URBANOS

Roselane Gomes Bezerra
CES/UC
lane.bezerra@hotmail.com

A fala do arquitecto responsável pela apresentação de um “projecto de requalificação” de uma rua, num Fórum de Participação na cidade de Almada, em Portugal, representa a ênfase dada por esses profissionais a imagem e a conversão do património em paisagem “cénica”. O autor do projecto de intervenção inicia a sua exposição dizendo: “A zona onde existia o chafariz vai ser assinalada, como a memória do chafariz, e vai ser feito uma réplica do mesmo (...) há também uma ‘brincadeira nas ondas’ na parte larga da rua”, após mais algumas explicações de como ficará a rua pedonalizada, ele conclui: “O pavimento será em calçada portuguesa, com desenhos simples, a imitar as ondas do mar, em frente à Igreja o piso será diferente para assinalar o respectivo adro e termina no Largo Alfredo Dinis com um ondulado diferente, mais revoltado, com desenhos de barcos típicos do Tejo e golfinhos”.

Essa ostentação da imagem torna-se ainda mais evidente quando há pessoas a contestar os “projectos de requalificação”. Neste caso, os participantes do Fórum de Participação, em Almada, discordaram de certos pontos do projecto apresentado. Especialmente da falta de um estudo etnográfico prévio, com o objectivo de compreenderem os usos e as apropriações no espaço atingido pelo projecto de intervenção. Houve também o facto de alguns utilizadores dizer que sentiam-se prejudicados com a ideia de pedonalização da rua. Independente da estética do projecto, os moradores e comerciantes, participantes desta reunião, apresentaram nos seus discursos preocupações acerca das transformações dos usos que serão constituídos após a intervenção.

Esta obra de “requalificação” faz parte de um conjunto de projectos de intervenção que a cidade de Almada está a vivenciar. Trata-se do estabelecimento de novos espaços urbanos, seja através da construção de equipamentos ou da reestruturação de áreas antigas. O objectivo dessa política de “reordenamento do território” é a conversão de sentido de alguns edifícios em elementos de modernização e reforço de uma imagem competitiva da cidade, voltada para o turismo e o lazer.



2

Alguns estudos revelam que esse fenómeno refere-se ao aumento das políticas de património como parte do planeamento estratégico para expandir o mercado de captação de recursos (Fortuna, 2001; Ferreira, 2006; Arantes, 2009; Peixoto, 2009). Na sociologia urbana contemporânea há um amplo debate a respeito dos conceitos que explicam essa modalidade de transformação nas cidades. A socióloga britânica Ruth Glass, em *London: aspects of change* (1964) foi pioneira na conceitualização desse processo ao adoptar o termo *gentrification*.

Glass identified gentrification as a complex urban process that included the rehabilitation of old housing stock, tenurial transformation from renting to owning, property price increases, and the displacement of working-class residents by incoming middle classes (Less et al., 2008, p. 5).

Entretanto, a preponderância de numerosas práticas de “enobrecimento” urbano com características distintas, fizeram emergir outras formas de conceitualização. Para autores como Harvey (1992), Featherstone (1995) e Jameson (1997) a espectacularização da arquitectura e a utilização do espaço como mercadoria é uma expressão pós-moderna de planeamento das cidades. Para Zukin (1995), essa tendência se caracteriza por uma transformação do espaço vernacular em paisagem de poder. Smith e Williams (1986) definem o processo de transformação de uma área da cidade em bairro de classe média como “reabilitação”. Van Criekingen (2006) fala em “renovação” e diferencia a “gentrificação” residencial e de consumo ou fixa e temporária.

Para Peixoto (2009), seguido do adjectivo urbano; reabilitação, renovação, regeneração, revitalização, conversão, preservação e requalificação são termos utilizado na prática e na análise das intervenções. Ou seja, além de conceitos analíticos, os léxicos utilizados para se referir a esses processos de intervenção são também categorias descritivas e apresentam um carácter polissémico nos discursos dos arquitectos, decisores públicos, jornalistas e cientistas.

Ainda que existam diferentes sentidos que caracterizam a prática e a análise dos processos de requalificação, a valorização estética da arquitectura é um ponto em comum que vem se sobressaindo nos discursos dos arquitectos. Para Neil Leach (2005),



3

actualmente tudo se resume a imagens e a arquitectura encontra-se completamente dependente dessa condição. Para esse autor, convencionou-se que os arquitectos devem ver o mundo em termos de representação visual, dado que eles assumem o processo de estetização como consequência necessária da profissão.

A partir dessa crítica de Neil Leach e da afirmação de Henry Lefebvre que “a imagem mata” e não pode substituir a riqueza da experiência vivida, percebi que o discurso dos arquitectos na apresentação de projectos de intervenção nos Fóruns de Participação da Cidade de Almada é um caso exemplar desse fenómeno urbano contemporâneo. Está a existir um enaltecimento das imagens por parte desses profissionais e dos decisores públicos, que têm se mostrado susceptíveis a essa sedução da “monumentalidade” arquitectónica.

Embora, a divulgação desses projectos, que enaltecem a “aparência” dos espaços, seja um fenómeno urbano contemporâneo, presente em diversas cidades, o objectivo desse artigo é apresentar uma reflexão sobre a construção de novos espaços urbanos a partir de projectos de “requalificação” na cidade de Almada. A chave de leitura para a compreensão desse fenómeno foi a análise dos discursos de arquitectos e de gestores na apresentação pública do Plano Pormenor de Cacilhas e do projecto de Requalificação da Rua Cândido dos Reis.

Contextualização

Diversos projectos estão sendo apresentados pela Câmara Municipal de Almada/CMA para diferentes áreas da cidade, no caso da freguesia de Cacilhas, que pertence ao núcleo antigo e está localizada nas margens do rio Tejo, de frente para a cidade de Lisboa, já foram anunciados quatro planos de intervenção: O Plano Pormenor de Cacilhas; a Requalificação da Rua Cândido dos Reis; o Estudo de Enquadramento Estratégico da Quinta do Almaraz e o projecto Almada Nascente Cidade da Água.

Segundo os decisores públicos o objectivo do Plano Pormenor de Cacilhas é a “qualificação” desta área porque é neste local que ocorre a “chegada de turistas que vem de Lisboa”. É devido a sua localização que os gestores pretendem criar nesse espaço “condições de desenvolvimento de recreio e de lazer”. Quanto ao projecto de



4

“Requalificação da Rua Cândido dos Reis”, o objectivo é torná-la pedonal, segundo um arquitecto da Câmara de Almada esta rua é “a porta de entrada da cidade”.

Assim como em outros espaços que vivenciam processos de intervenção há uma associação da freguesia de Cacilhas com a degradação. Neste caso, a degradação está relacionada a deterioração dos prédios nas margens do rio Tejo e da grande quantidade de carros estacionados diariamente na rua Cândido dos Reis, dificultando a circulação dos pedestres. Para os decisores públicos esse fenómeno está a impedir o desenvolvimento do potencial turístico e económico da rua.

A fim de atender os objectivos deste texto e desenvolver uma análise dos discursos de arquitectos e de gestores na apresentação pública desses projectos de “requalificação” urbana na cidade de Almada, apresentarei a seguir uma contextualização dos Fóruns de Participação do Plano Pormenor de Reabilitação Urbana e Funcional de Cacilhas e do Projecto de Requalificação da Rua Cândido dos Reis. O objectivo dessas reuniões era apresentar as propostas de intervenção e ouvir as opiniões e sugestões da população.

Plano Pormenor de Reabilitação Urbana e Funcional de Cacilhas

Este fórum ocorreu no dia 28 de Janeiro de 2011 e foi apresentado pela Vereadora do Planeamento e Urbanismo, estavam presentes também o arquitecto responsável pelo Plano de Intervenção, os arquitectos da CMA e a Presidente da Câmara Municipal. A apresentação foi iniciada com uma exposição da contextualização dos antecedentes da elaboração do Plano. Segundo o arquitecto o concurso ocorreu em 1997 e o projecto foi desenvolvido levando em conta que a componente social era muito importante, ele justificou essa preocupação informando que as habitações vão ser direccionadas para a população jovem. Mas, não apresentou os meios para alcançar esse objectivo. Outra declaração é que “Cacilhas tem que ser o ponto de encontro de Almada unindo turismo, habitação e comércio”.

Algumas palavras e afirmações proferidas pelo arquitecto geraram polémicas na audiência do fórum especialmente o termo “nojo”, utilizado para se referir a um edifício existente na freguesia e a afirmação de que o moinho edificado no morro será destruído, nas suas palavras: “O moinho só tem sentido se tiver a fazer pão”. Ele disse que pode



5

construir outro moinho, mas para fazer a intervenção no morro o moinho vai ser retirado. Essa opinião gerou muita discussão, um senhor protestou dizendo que o moinho era um património, outro morador disse que o moinho existia há mais de 200 anos. Porém, o arquitecto disse que sabia distinguir o que é “património qualificado e outro”.

Outra questão relacionada a lógica da estética, para esses profissionais, é quanto a organização dos espaços públicos destinados ao lazer. No discurso do arquitecto o modelo já existe em diferentes cidades, então o que fariam era copiar e trazer para Cacilhas. Assim, ao responder a uma pergunta de como seriam as áreas de lazer nas margens do rio Tejo, ele explicou: “O imobiliário urbano vai ser banquinhos e relva, vai haver cães a passear, os meninos a aprender a andar. Modelo de mobiliários urbanos já existem é só trazer pra cá”. Ou seja, o espaço público é descrito como um cenário em que já estão indicados inclusivamente os usos.

No final da sua fala o arquitecto apresentou um slide informando quais são os equipamentos a ser construídos na freguesia de Cacilhas. Como pode ser visto a seguir, o objectivo é reunir turismo, lazer e habitação: Unidade hoteleira; Estacionamento subsolo; Comércio local; Interface multimodal [ligando os terminais de barco, autocarro e metro]; Centro de saúde; Espaço público – sistema de praças; Centro de dia – residência; Habitação; Espaço museológico e arqueológico.

No encerramento do Fórum de apresentação do Plano Pormenor de Cacilhas, a presidente da Câmara se mostrou muito satisfeita com a intervenção do arquitecto. O discurso da autarca manifestou uma componente romântica as intervenções. Outro ponto, que demonstra total acordo com o projecto exposto é quanto a implementação de equipamentos de lazer com o objectivo de conquistar visitantes para essa localidade. Ela concorda também com a ideia de atrair moradores jovens para viver em Cacilhas. Como pode ser percebido na sua fala:

“Todos nós amamos o que existe em Cacilhas, mas há uma certa desqualificação – é um território suburbano – que tem que mudar aproveitando as potencialidades, como as vistas sobre o Mar da Palha e Lisboa. Queremos que haja mais procura para o nosso território, antes no passado existiam as burricadas, os belos restaurantes e ainda temos, mas é



6

preciso fazer mais e dinamizar. Já tem Almada Nascente [que será uma grande intervenção com muitas novas construções nesta zona] e Cacilhas não pode ser secundarizada, mas tem que haver edificações. O senhor arquitecto deixou a nós uma preocupação sobre o que vai ser Cacilhas. É romântico dizer que Cacilhas é ‘porta de entrada, porta do rio’ (...). É preciso também atrair jovens”. (Presidente da CMA no Fórum de Participação: Plano Pormenor de Reabilitação Urbana e Funcional de Cacilhas, 28 de Janeiro de 2011).

Para concluir a Presidente falou da importância da fragata, Dom Fernando e Glória que se encontra em um canal na margem do Tejo, enquanto um elemento significativo para a estética da localidade. Informou que haverá uma surpresa no entorno desse espaço, mencionou também o retorno do chafariz que vai ser recriado como um monumento e para amenizar as consequências da polémica em torno do moinho disse que essa edificação iria ser pensado, pois tudo é importante. E assim finalizou com a seguinte declaração:

“Nós temos um plano que é de reabilitação urbana e funcional (...). Esse pedaço da cidade vai ter muita importância, as coisas são difíceis, nada é fácil e nós desafiamos os nossos colaboradores. Já há pessoas interessadas em reabilitar. E preciso reabilitar, qualificar, diversificar trazer pessoas jovens, ateliês, ‘refuncionalizar’ alguma área”.

Requalificação da Rua Cândido dos Reis

A Cândido dos Reis abriga actualmente comércio, na maioria são restaurantes e tascas, mas há também uma variedade de outros negócios como lojas de produtos para pesca, de revistas, de t-shirts, de móveis e de produtos congelados, há também cabeleireiro, barbearia, ourivesaria, talho, imobiliária, duas casas especializadas em vinhos e outros produtos gourmet, algumas drogarias e mercearias. O principal monumento desta rua é a Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, outro edifício com valor histórico é o antigo posto dos bombeiros que foi requalificado e hoje abriga um centro de informação turística. Os pontos comerciais são predominantemente no rés-do-chão de edifícios residenciais.



7

A ideia da requalificação é apontada pelos decisores públicos e arquitectos como a melhor forma de retirar os carros que actualmente ocupam esse espaço. Assim, foi com essa concepção que a CMA abriu um concurso e angariou recursos para desenvolver esse projecto. Apostando no desenvolvimento do turismo e lazer os administradores acreditam que a reforma desta rua irá atrair muitos visitantes.

Com o intuito de apresentar o projecto de requalificação da rua Cândido dos Reis para a população foi organizado um Fórum de Participação no dia 25 de Maio de 2010. A Vereadora do Planeamento e Urbanismo iniciou a apresentação, estavam presentes o Engenheiro da Divisão de Transito; o arquitecto responsável pelo projecto de pedonalização da rua Cândido dos Reis; o Presidente da Junta de Freguesia de Cacilhas; o Chefe de Divisão de Qualificação Urbana; a Directora do Projecto Parcerias e Desenvolvimento Local; o Arquitecto da CMA; o Chefe de Divisão do Projecto e a Presidente da Câmara Municipal.

Segundo a Directora do Projecto Parcerias e Desenvolvimento Local a rua Cândido dos Reis é importante para a cidade devido ao seu acesso, história e ocupação, nesse caso ela enfatizou a restauração. E acrescentou que existe nesse espaço uma “homogeneidade morfológica e tipológica”. Em seguida apresentou algumas imagens com características gerais da rua, falou da transformação do seu papel e sua vocação no contexto da “cidade do futuro”. Enfatizou também a questão do “património edificado, memória” e “património arqueológico”.

Na apresentação do arquitecto responsável pela requalificação foi salientado o facto de a rua ser bastante dinâmica, do ponto de vista de sua estrutura, pois tem vias entrando, alargamentos e isso é uma “mais-valia” do ponto de vista turístico, “isso pode levar a actividades de natureza cultural e artística, esplanadas, actividades improvisadas, os comerciantes podem criar actividades”. Ele acrescentou ainda que a requalificação da rua será importante também para a atracção de eventos, como por exemplo a ocorrência de mais casamentos na Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso e também concertos de músicas na rua:

“Não tem casamentos na Igreja, porque o entorno não é bom, não é só pelo facto dos casamentos estarem diminuindo, pois em outras Igrejas há mais



casamentos, então a ideia é criar um átrio em frente a Igreja para alargá-la com o aproveitamento das escadarias para concertos de música”.

Após a exposição do projecto a Presidente da Câmara felicitou a vereadora pela iniciativa e falou que com a rua pedonalizada “as esplanadas vão atrair muita gente” e continuou a sua fala explicando que depois da requalificação “as crianças vão poder saltar a corda e brincar na rua, fazer a roda, andar de bicicleta de triciclo”. Ou seja, um cenário harmonioso em termos de usos e apropriações.

O espaço como cenário

Os projectos de requalificação estão sendo um recurso que os decisores públicos lançam mão para atrair mais visitantes, novos moradores e consequentemente mais investimentos para as cidades. Nesse processo os ateliês de arquitectura estão a desenvolver um papel importante, pois como vimos acima a “imagem é tudo”. Nesse contexto, os projectos dos novos espaços estão adquirindo o papel de seduzir os administradores que acreditam que esse processo levará a construção da urbe ideal, limpa, harmoniosa, imponente e bela.

Assim, os projectos dos arquitectos tornam-se o elemento central capaz de legitimar uma política que tem como componente principal uma mudança de imagem da cidade. Como informa La Cecla (2011: 32), “o arquitecto pousa a sua capa sobre a cidade para garantir que a cidade está na moda”. Desta forma, eles são os porta-vozes dos decisores públicos e o seu ofício a narrativa adequada para justificar o novo conceito de cidade.

Nessa lógica de urbanidade importa menos as apropriações vernáculas e mais as edificações com capacidade para atrair novos utilizadores. Como vimos no discurso dos arquitectos, nos fóruns de participação em Almada, os modelos dos novos espaços são reproduzidos e reelaborados de acordo com paradigmas já padronizados ou conforme as suas criatividade. Para esses novos espaços a estética é a palavra de ordem. Elementos considerados identitários da antiga urbe, como edificações emblemáticas para um determinado período, elementos de instalações industriais ou portuárias que perderam suas funções, construções que tiveram seus usos modificados ou tornaram-se espaços



9

vazios são transformados em património e ícones da cidade ou são simplesmente destruídos de acordo com as necessidades dos projectos arquitectónicos.

Nesse sentido, Neil Leach, fala que estamos na “era da estetização”, para esse autor nessa “era” o lado menos agradável das coisas, ou em outras palavras da arquitectura, ganham capacidade de criar respostas aparentemente paradoxais, ao ponto de aquilo que não é, à partida, atractivo poder ser considerado esteticamente apelativo. De forma irónica ele afirma que:

Agora que a industrialização se tornou chique, em que as antigas fábricas são transformadas em apartamentos, as centrais eléctricas em museus nacionais, e o calçado industrial e os fatos de macaco dos trabalhadores fazem parte da moda, tudo o que é repugnante e áspero parece prestar-se à estetização (2005, p. 34).

Nesse conceito de cidade o importante é a construção de símbolos que exaltem a urbe. Na disputa por visitantes, e em alguns casos por jovens moradores, o papel do arquitecto é ser criativo. Esses profissionais não são convidados pelos gestores para se dedicar também aos impactos sociais que podem decorrer das intervenções. Nas palavras de Neil Leach (2005, p. 28), “a tendência para privilegiar a imagem serve para distanciar os arquitectos dos utilizadores dos respectivos edifícios, pois incentiva os primeiros a adoptar uma aparência estética desfasada das preocupações dos utilizadores”.

E assim, a “cidade da passarela” se apresenta aos olhos dos decisores públicos como uma solução atractiva frente aos diversos problemas que a “cidade real” se manifesta no quotidiano. Ou seja, os discursos sobre a “cidade virtual”, na qual se assentam, ou “desfilam”, os espaços urbanos, abrangem idealizações de como vai ser o “lugar requalificado”.

Essa concepção da urbe que os decisores públicos estão transmitindo nos fóruns de participação, legitimada pela assinatura e “genialidade” de um arquitecto e fundamentada em léxicos como moderna, disciplinada ou cidade do futuro contribui para um falseamento da realidade. Pois, não podemos definir uma cidade como um “vir-a-ser”, e assim, concordo com Cancline (2008), ao afirmar que pactua com a corrente de



10

pensamento urbano que vê as cidades em tensão entre o que elas são e o que queríamos que fossem.

Nesse processo de idealização da cidade destaco uma frase do discurso de um arquitecto num fórum de participação em Almada, ele começa a sua exposição dizendo: “isso pode levar a ...”, ou seja, nesse decurso de ambiguidade entre a cidade ideal e a real a expressão utilizada denuncia que existe uma indicação de apropriações que ordenam os usos. Neste caso ele acredita que serão implementadas “actividades de natureza cultural e artística” e também que “os comerciantes podem criar actividades” com o objectivo de atrair mais pessoas para a cidade. O conceito da estética arquitectónica ditando os usos, também se encontra nesse discurso iniciado pela afirmação: “isso pode levar a ...”, nesse caso o arquitecto refere-se que o modelo arquitectónico da rua, “com diversas entradas e alargamentos”, dará mais alternativas de construções e usos voltados para o turismo.

Na sequência dessa valorização estética por parte dos arquitectos destaco também algumas palavras da autarca da CMA. Essa senhora no papel de decisora pública justifica a implementação de novos espaços, por meio dos projectos de intervenção, utilizando palavras como: dinamizar; reabilitar; qualificar; diversificar e refuncionalizar. Esses vocábulos inclusive o léxico “refuncionalizar”, que não consta no dicionário de língua portuguesa, demonstram a insatisfação com os usos actuais e falam da necessidade de atrair novos ocupantes como “pessoas jovens” e novas apropriações como “ateliês”, ou seja, na imaginação da cidade ideal há uma crença de que a criação de novos espaços irá ditar também os usos e nesse caso os usos serão mais “qualificados” e “diversos”.

Conclusões

O presente artigo buscou desenvolver uma reflexão a respeito dos projectos de intervenção que propõem novos espaços urbanos em Almada, tomando como referência os discursos dos arquitectos e dos decisores públicos nos Fóruns de Participação. Muitos dos pontos apresentados a partir das análises desses discursos representam uma experiência urbana contemporânea. O eixo central dessa discussão é a valorização da



11

estética da arquitectura por parte dos arquitectos e o encantamento pelos “espaços virtuais” por parte dos administradores da cidade.

Pensar a cidade sob o ponto de vista dos projectos de intervenção supõe compreender o significado do lazer e do turismo nesse momento de reordenamento do território. Atendendo a um apelo global de investimentos nesse sector as cidades concorrem entre si na busca de bons projectos que tenham a capacidade de atracção de visitantes e novos moradores. Nesse sentido, com o objectivo de conter o esvaziamento das áreas históricas da cidade, que por diferentes motivos perderam centralidades, os arquitectos estão a propor novas formas de habitação e de apropriações voltadas para o lazer com um forte apelo estético.

É no contexto do processo de transformação e definição de novos espaços por meio projectos arquitectónicos que se torna possível pensar sobre as representações do património na freguesia de Cacilhas. Para os decisores públicos algumas edificações do passado, que já não existem na localidade, devem retornar como um elemento de interesse patrimonial, como é o caso do chafariz que será reconstruído no projecto de requalificações da rua Cândido dos Reis. Enquanto outros como o moinho, apontado nos discursos dos moradores como um ícone da freguesia será destruído. Para Leite e Peixoto (2009) o património é cada vez mais apresentado como a expressão material de uma ideia pacífica de espaço público, existe uma suposta ideia de passado comum e de tradições compartilhadas.

Por fim é importante salientar que um outro ponto fundamental para a reflexão a respeito desse processo de transformação da cidade é a falta de estudos etnográficos nas zonas que serão “requalificadas”. Como pode ser notado nessa investigação a estética, a ideia de património, a suposição de um espaço público com usos harmoniosos, ou seja, a concepção de higienização dos usos e apropriações na cidade está a dominar os discursos de arquitectos e decisores públicos.

Referências bibliográficas

ARANTES, Antonio (2009), Património cultural e cidade, In Carlos Fortuna e Rogerio Proença Leite (orgs.), *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*, Coimbra: Ed. Almedina.



12

CANCLINE, Néstor García (2008). Imaginários culturais da cidade, In *A cultura pela cidade*. Teixeira Coelho (org.). São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

FERREIRA, Caudino Cristovão (2006), *A Expo`98 e os imaginários do Portugal contemporâneo – cultura, celebração e políticas de representação*. Tese de doutoramento em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

FEARTHERSTONE, Mike (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FORTUNA, Carlos (org.) (2001), *Cidade, Cultura e Globalização*. 2ª Ed. Oeiras, Celta Editora.

HARVEY, David (1992), *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.

JAMESON, Fredric. (1997), *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Ática.

LA CECLA (2011). *Contra a arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

LEACH, Neil (2005). *A anestésica da arquitectura*. Lisboa: Antígona.

LESS, Loreta; Slater, Tom & Wyly, Elvin. (2008), *Gentrification*. Nova York, Routledge.

LEITE, Rogerio Proença & PEIXOTO, Paulo. (2009), "Políticas urbanas de patrimonialização e contrarevanchismo: o Recife antigo e a zona histórica da Cidade do Porto". *Cadernos Metrôpoles*, 21: 93-104.

PEIXOTO, Paulo (2009), Requalificação urbana, In Carlos Fortuna e Rogerio Proença Leite (orgs.), *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*, Coimbra: Ed. Almedina.

SMITH, Neil and WILLIAMS, Peter (eds.) (1986), *The gentrification and the city*. Boston: Allen & Unwin.

VAN CRIEKINGEN, Mathieu (2006), A cidade renasce! Formas políticas e impactos da revitalização residencial em Bruxelas, In Bidou-Zachariasen, Catherine, *De volta à cidade*. São Paulo: Annablume.

ZUKIN, Sharon, (1991), *Landscapes of power*. Berkeley: University of California Press.